

Sociedade em Rede e os movimentos sociais: o caso do Movimento Passe Livre¹

Valéria Dal Cim Fernandes²

Resumo: O presente estudo teve como objetivo produzir e traduzir alguns sentidos do mundo contemporâneo. Mirando a cultura que emergiu nos últimos trinta anos, fortemente marcada pelo desenvolvimento da internet, investigamos as práticas políticas que despontaram na cena pública deste momento histórico. Nessa perspectiva, atentamos para os personagens que diagnosticaram e elaboraram propostas para a realidade social de seu tempo. Em especial, nos interessou a vivência dos militantes de um movimento brasileiro nascido neste meio, o Movimento Passe Livre (MPL). O texto reconstruiu a forma e conteúdo deste movimento social em sua relação com determinantes históricos, evidenciando a quebra de paradigmas no que tange as usuais formas de “fazer política”. De modo geral, o nosso esforço foi apresentar subsídios para o debate sobre o papel das novas tecnologias de informação e comunicação em relação à dinâmica interna dos movimentos sociais.

Palavras-Chaves: Sociedade em rede; Movimento Passe Livre; Horizontalidade.

A título de apresentação, tal estudo localiza-se sob o domínio da História do Tempo Presente. O desafio principal é o de historicizar o político contemporâneo, inscrevendo a realidade examinada na perspectiva da duração. O exercício será o de tratar o presente como

¹Este artigo é uma versão adaptada e resumida da monografia apresentada ao Curso de História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito à obtenção do grau de Bacharel em História (2014). Outra vez, agradeço ao orientador da pesquisa, Prof. Dr. Mateus Henrique de Faria Pereira, pelo apporte ideológico conferido ao trabalho. Além disso, aproveito para agradecer aos leitores críticos que muito contribuíram para a (re)definição de perspectivas e caminhos: Prof. Dr. André de Lemos Freixo, Prof. Dr. Francisco Gouvea de Souza e Prof. Dra. Marta Regina Maia.

²Bacharel em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (grau obtido em agosto de 2014).

experiência e não como realidade, de estranhar o que nos é familiar e de nos distanciar do que nos é próximo. A contemporaneidade intrínseca entre o meu mundo e a experiência questionada me coloca em posição discursiva peculiar: sou, ao mesmo tempo, testemunha e historiadora do novo. Por isso, optei por adotar a escrita ensaística como forma. Entendendo ensaio como um texto onde são expostas reflexões sobre um tema, construído como defesa de um ponto de vista subjetivo e autoral. A ideia é que o ato de me dirigir em primeira pessoa consiga melhor traduzir o ponto de vista pessoal, subjetivo e livre como se ordena construção simultânea entre escrita, o pensamento e a vivencia no presente. Antes de passar à problematização, vejamos uma belíssima definição de ensaio apresentada por Jorge Larrosa:

O ensaio tem algo da expressão de uma subjetividade, da biografia de uma subjetividade. Mas desde que essa subjetividade expresse um mundo, o seu mundo. E, também, desde que essa subjetividade se ponha à prova, se ensaie, se invente e se transforme. Por isso, o ensaísta não só põe em questão o que somos, o que sabemos, o que pensamos, o que dizemos, o modo como olhamos, como sentimos, como julgamos, mas, acima de tudo, põe em jogo a si mesmo nesse questionamento. Por isso, o ensaio é, também, olhar a existência a partir dos possíveis, ensaiar novas possibilidades de vida. (LARROSA, 2004, p.37)

Nesse sentido, a construção deste trabalho hierarquiza a prática política de um movimento social específico, o Movimento Passe Livre (MPL) – movimento nacional que luta pela pauta do transporte público gratuito e de qualidade. Neste ensaio busco datar a teia de significados

deste movimento, entrelaçando-a com as relações multidimensionais e complexas de um tempo marcado pela expansão e aceleração das redes de informação e comunicação. Cogito a hipótese de que a forma, processo organizativo, estratégias e táticas adotadas pelo MPL estão relacionadas com a dinamicidade das relações sociais da era da internet. No meu entender, os métodos de articulação do movimento, especialmente a ausência de direção centralizada, tem consonância com o formato horizontal e participativo das redes digitais.

Protagonizando lutas pela transformação da atual concepção sobre o transporte coletivo urbano, o MPL defende que o acesso universal ao transporte é fundamental para o exercício da cidadania. A ideia do movimento é de que o deslocamento incondicional pelo espaço urbano seja essencial para o acesso pleno a serviços públicos essenciais, como educação e saúde. Pontualmente, o movimento atua pela redução das tarifas do transporte nas cidades brasileiras. Porém, seu objetivo em longo prazo inclui a extinção da cobrança de tarifa no transporte, através da proposta da “Tarifa Zero”. O traço mais significativo de sua dinâmica é um processo de constituição de ação mais horizontal e democrática. Expressão de um projeto que desconfia das estruturas e instituições “verticais” e “centralizadas”, o movimento optou pela ausência de “lideranças”, “representantes” ou “porta-vozes”. De modo geral, o MPL rejeita qualquer tipo de hierarquia que surja dentro do movimento e adota novas relações de participação. Os princípios do movimento zelam pela democracia interna, contando com medidas práticas que garantem a igualdade entre os membros do grupo.

Em primeiro deixo registrado que o motivo que me impulsionou a escrever foi a curiosidade. Em junho de 2013, a prefeitura da cidade de São Paulo aumentou o preço das passagens de transporte público. Houve manifestações populares para exigir a revogação da tarifa, que rapidamente se espalharam pelo Brasil e deram origem a uma grande onda de protestos. Tudo aconteceu num piscar de olhos: o Movimento Passe Livre convocou um grande “ato” contra o reajuste dos preços das passagens, despertou a indignação de outros paulistanos e, por fim, de outros milhões de brasileiros. Na ocasião, fiquei fascinada pela magnitude com que formas de ação e participação sociopolíticas, aparentemente novas, tomavam as ruas brasileiras. Além de questões sobre mudanças na natureza e objetivos das ações coletivas atuais, me interessaram assuntos envolvendo o movimento responsável pelas primeiras faíscas libertárias, o Movimento Passe Livre.

Logo nas primeiras entrevistas à mídia nacional, os integrantes do movimento declaravam: “somos um movimento social autônomo, horizontal e apartidário.” De forma especial, me interessou a imagem desta natureza horizontal e a evidência de novos arranjos interativos no movimento. Nesse sentido, despontaram algumas questões para análise, dentre as quais ressalvo algumas: o que é ser um movimento social horizontal? Quais as exigências do atual momento histórico interferem na luta política do MPL? Em que sentido a lógica das redes que atravessa as novas tecnologias de informação e comunicação estaria revolucionando a maneira como a nossa sociedade se organiza? Mais especificadamente,

como influem na forma como os militantes do MPL se articulam internamente?

De antemão, é preciso ressaltar que esse ensaio parte da concepção da sociedade contemporânea proposta por Manuel Castells. Para o autor, as últimas décadas vivenciaram a formação da “sociedade em rede”, caracterizada pela formação de um novo sistema eletrônico de comunicação mediada por computadores. Para ele, o desenvolvimento da internet e a sua organização em torno de redes seriam o marco de uma grande ruptura histórica. Para Castells,

rede é um conjunto de nós interconectados. Nô é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos. São mercados de bolsas de valores e suas centrais [...] São conselhos nacionais de ministros e comissionários [...] São sistemas de televisão [...] A topologia definida por redes determina que a distância [...] entre dois pontos [...] é menor [...] se ambos os pontos forem nós de uma rede do que não pertencerem à mesma rede. (CASTELLS, 1999 a: 498)

De acordo com o intelectual, os computadores e dispositivos móveis de todo o globo estão imersos em uma malha flexível, formada por um emaranhado de fios simétricos que interligamos nós (como se fosse uma rede de pesca). Teria se formado uma nova cultura através das novas tecnologias, chamada por Castells de “cultura da virtualidade real”, “na qual redes digitalizadas de comunicação multimodal passaram a incluir de tal maneira todas as expressões culturais e pessoais a ponto de

terem transformado virtualidade em uma dimensão fundamental da nossa realidade.” (CASTELLS, 1999a, p. XVI).

A lógica das redes tende a fluidez e a dinâmica não linear. No nosso entender, esta estrutura de redes invisível que media a relação entre indivíduos, máquinas e dados no mundo virtual foi responsável por algum tipo de mudança na vida dos envolvidos. A ideia é que a dinâmica do fluxo de informação entre os nós (humanos ou não humanos) tenha reconfigurado a organização e articulação dos elementos em rede. Na esteira de Sonia Aguiar, acreditamos que “os elementos que compõem a sua estrutura (nós, elos, vínculos, papéis) são indissociáveis da sua dinâmica (frequência, intensidade e qualidade dos fluxos entre os nós)” (AGUIAR, 2006, p.12).

Nesse sentido, as formas de organização e articulação do MPL serão vistas como expressões de mudanças sociais e culturais forjadas por esse tipo de comunicação. A discussão articulada tem a intenção de ressaltar as múltiplas noções que norteiam a dinâmica interna do Movimento Passe Livre a partir de uma releitura das rupturas sociais que podem estar ocorrendo frente às mudanças na forma de comunicação humana. De tal modo, estratégias implementadas pelos indivíduos que atribuem contorno ao MPL serão vistas no seio de uma dada configuração social, como se as percepções locais destes militantes tivessem relação com tendências globais. Acreditando que grande parte dos processos sociais e experiências humanas da era da internet sejam indissociáveis da configuração de redes que atravessa as relações sociais de seu tempo.

Esse estudo se caracteriza como uma pesquisa exploratória, pois ambiciona aproximar-se do problema para torná-lo mais claro, aprimorando o seu entendimento. Para dar conta dos questionamentos levantados, além das bibliografias que tratam do tema e permitem a comparação e a corroboração, utilizei como fontes de informação diretas a própria internet, através das publicações feitas pelos indivíduos que dão vida ao MPL em alguns sítios eletrônicos. As fontes consistem em matérias disponibilizadas por duas páginas da web simpatizantes da luta do movimento. O primeiro é o site “Tarifa Zero.org”, que funciona como um blog, ou seja, um espaço virtual que adota o estilo jornalístico de escrita, disponibilizando informações acerca de assuntos de interesse comum aos seus leitores. O blog “Tarifa Zero.org” é fomentado por colaboradores que aderem à causa do transporte coletivo público, incluindo fundadores e militantes do Movimento Passe Livre. O segundo é o site do Centro de Mídia Independente Brasil (CMI), órgão mundial independente, sem fins comerciais, que disponibiliza materiais referentes aos movimentos sociais atuais. O CMI armazena vídeos, fotos, sons e entrevistas de momentos cruciais da trajetória do MPL. Além disso, usaremos também a “Carta de Princípios” do movimento e a página de “Apresentação” do site do MPL – São Paulo a fim de esclarecer questões oportunas.

O passe livre é uma reivindicação histórica do movimento estudantil brasileiro. Desde a Ditadura Militar brasileira, a luta pelo benefício do transporte aos estudantes tem sido uma pauta constante entre os movimentos juvenis.

Em meados de 2000, formou-se um grupo em Florianópolis pela “Campanha pelo Passe Livre”, realizando manifestações de pequeno e médio porte na cidade. A campanha nasceu atrelada a uma fatia jovem do Partido dos Trabalhadores (PT), a chamada “Juventude da Revolução”. Com o tempo, o grupo começou a desenvolver a ideia de que a juventude deveria ser independente e ter suas próprias experiências, culminando no rompimento com tal partido, em 2002. Ao se desvincular da “política” tradicional, o grupo se ampliou, incorporando jovens não vinculados a organizações, instituições ou partidos políticos. De acordo com Yuri Kieling Gama, para atrair simpatizantes, o grupo elaborou uma campanha de conscientização entre os estudantes sobre a importância da adoção do passe livre na cidade. Segundo ele:

A campanha consistiu em um trabalho de debate com alunos e alunas de escolas e universidades públicas, em sua maioria, e em algumas privadas, da região da Grande Florianópolis. Organizou-se passagens de documentários sobre o assunto, seminários, atos e aos poucos os grêmios, centros acadêmicos e milhares de estudantes começaram a tomar a ideia para si. (GAMA, 2011, p.75-76)

Em contrapartida, os estudantes de Salvador também se organizavam em prol do benefício do transporte aos estudantes. A “Revolta do Buzú”, que aconteceu em agosto de 2003 em Salvador, foi um grande marco dessa reivindicação. Em razão do aumento do preço das passagens na cidade baiana, formou-se uma mobilização popular, constituída principalmente por estudantes, sem lideranças partidárias ou estudantis, que conseguiu paralisar as principais vias da cidade.

Em 2004, foi a vez da “Campanha pelo Passe Livre” protagonizar em Florianópolis seus dias de revolta. Em razão da previsão do aumento da passagem do transporte coletivo, estudantes da cidade catarinense organizaram uma série de atos pelo passe livre estudantil, chamada popularmente de “Revolta da Catraca”. Essas mobilizações terminaram com a revogação do aumento da passagem pela prefeitura de Florianópolis e, mais tarde, com a aprovação do Projeto de Lei do Passe Livre pela Câmara de Vereadores de Florianópolis. Foi precisamente no dia 26 de outubro de 2004 que a população de Florianópolis cercou a Câmara Municipal e conseguiu a aprovação do projeto de lei de iniciativa popular que garantia o passe livre estudantil na cidade.

Nacionalmente, o Movimento Passe Livre foi fundado em 2005, através da iniciativa do grupo catarinense de articular os coletivos regionais que já se organizavam pela luta pelo transporte pelo país. A construção do movimento foi realizada na “Plenária Nacional do Passe Livre”, em 29 de janeiro de 2005, em uma tenda do “V Fórum Social Mundial”. Na ocasião, participaram cerca de 250 pessoas, divididas em delegações de 29 cidades. O Centro de Mídia Independente Brasil (CMI) divulgou áudios, relatos, fotos e artigos produzidos pelos militantes do MPL durante a plenária. Em um desses artigos, Marcelo Pomar, um dos fundadores da campanha catarinense, comenta sobre os resultados do evento:

A Plenária foi vitoriosa, e agora cabe a todos que dela participaram dar continuidade às suas resoluções, fazendo desse embrião de luta uma nova fonte de

força para o movimento estudantil e social no país, numa perspectiva de mudança das correlações de força na sociedade brasileira, sendo mais uma colaboração no caminho rumo a um Brasil melhor, mais justo e igualitário, livre e soberano. (Ver mais:<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/02/306365.shtml>)

Na plenária foram aprovados os princípios básicos da prática política do movimento, sintetizados em sua “Carta de Princípios”. De modo geral, este documento tem uma retórica pedagógica e serve para instruir seus militantes sobre os preceitos da organização. Nele, o MPL se define como um “movimento horizontal, autônomo, independente e apartidário, mas não antipartidário”. Ainda segundo a “Carta de Princípios do Movimento Passe Nacional”, “a via parlamentar não deve ser sustentáculo do MPL, ao contrário, a força deve vir das ruas.” Pela dimensão simbólica, o dia 26 de outubro foi escolhido como o dia nacional da luta pelo Passe Livre, momento de organizar programações que visam o fomento de políticas voltadas para mobilidade urbana.

Partindo da noção de que o transporte é um direito e, que, por isso, deve estar a serviço da população e gerido por ela, o MPL nacional começou suas atividades lutando pelo direito ao passe livre estudantil. Porém, ao longo de sua trajetória (entre 2008 e 2009), passou a defender o passe livre irrestrito, ou seja, a gratuidade do transporte coletivo a todos os cidadãos. Marcelo Pomar, em entrevista, revela como aconteceu esse processo de aprofundamento do movimento:

Porque o movimento tem um momento de virada muito importante [...] O MPL para de discutir passe livre dos estudantes, ou a reivindicação pequena, menor, e começa a entender o contexto do direito à cidade. Quer dizer, a gente tem uma transição para a Tarifa Zero. Porque o passe livre é uma reivindicação historicamente ligada ao movimento estudantil. E a Tarifa Zero passa a ser o entendimento de que a cidade, por concentrar as grandes conquistas tecnológicas, científicas, culturais da humanidade, precisa ser então democratizada. E a democratização ao acesso à cidade passa necessariamente pela garantia do acesso e da chegada aos equipamentos públicos e privados que na cidade estão espalhados. Então nesse período nós ampliamos a concepção. (Ver mais:<http://tarifazero.org/2013/07/25/ele-ajudou-a-fundar-o-movimento-passe-livre-entrevista-com-marcelo-pomar/>)

De modo geral, a ideia do movimento defende a constituição de um sistema de transporte “público de verdade”, que permita o acesso pleno dos cidadãos aos equipamentos e serviços públicos disponíveis na cidade. A premissa é de que os direitos à educação, à saúde, à cultura, ao lazer são limitados através da existência da tarifa do transporte coletivo. Por isso, a simbologia que unifica a luta do MPL gira em torno da catraca, incluindo uma catraca em chamas. Na página de apresentação do site do MPL-São Paulo, o grupo elucida algumas das concepções que o orienta:

No Brasil, 35% da população que vive nas cidades grandes não tem dinheiro para pagar ônibus regularmente (IPEA, 2003). Muitas pessoas estão excluídas da educação porque não podem pagar o ônibus até a escola. Toda vez que aumenta a tarifa do ônibus, esta exclusão aumenta também. Ao mesmo tempo, é importante enfatizar que, mais que lutar

contra o aumento da tarifa, lutamos contra a *existência* de uma tarifa. O sistema de Transporte precisa ser totalmente reestruturado, de modo que as tarifas não continuem aumentando, excluindo cada vez mais pessoas. O Transporte precisa ser visto como um direito essencial, não pode mais ser visto como uma mercadoria.

De acordo com o Movimento Passe Livre, é necessária uma reformulação da gestão e do custeio do sistema de transporte público das cidades brasileiras através do projeto de “Tarifa Zero”. A ideia é que o peso do lucro faz com que a iniciativa privada se preocupe minimamente com a população que usa tal transporte diariamente. Colocando-se a necessidade de abolir a cobrança direta da tarifa do transporte e passar o seu custeamento para os recursos públicos das prefeituras. De acordo com a “Carta de Princípios” do MPL, o movimento

é o instrumento [...] de debate sobre a transformação da atual concepção de transporte coletivo urbano, rechaçando a concepção mercadológica de transporte e abrindo a luta por um transporte público, gratuito e de qualidade, como direito para o conjunto da sociedade. (Ver mais: saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/carta-de-principios./)

Nesse sentido, constitui-se uma proposta de municipalização do serviço, retirando do âmbito privado o planejamento e gestão do transporte público e sugerindo uma reforma tributária com a criação de um Fundo Municipal de Transporte (FUMTRANS). Dentro dessa lógica, o custo da tarifa do ônibus seria compartilhado entre a sociedade, através do aumento na arrecadação de impostos progressivos (redistribuição de

renda: pagará mais quem tiver mais, menos quem tiver menos e quem não estará isento de pagar a tarifa).

É importante ressaltar que essa ideia já havia sido semeada em 1990 por Lúcio Gregori, secretário municipal de transportes de São Paulo no governo da petista Luiza Erundina (1989-1992). Nesse governo, foi elaborada formalmente a proposta que visava garantir a gratuidade total do transporte coletivo na cidade paulista. Dia 28 de dezembro de 1990, a prefeita encaminhou a Câmara de vereadores um projeto de lei que visava criar o Fundo de Transporte (FUMTRAN) responsável por reunir recursos públicos para custear a tarifa zero. Porém, a proposta encontrou resistência na Câmara, sendo posteriormente rejeitada. Atualmente, o idealizador desse projeto, Lúcio Gregório, colabora com o movimento, participando de debates e formulações de novas soluções para o problema do transporte o Brasil.

O MPL propõe um novo paradigma de luta, através da adoção do princípio de horizontalidade como pilar constitutivo e da adesão de estruturas descentralizadas e autogestionadas. O modo como funciona essa dinâmica interna do movimento ilustra bem a lógica das redes que eu gostaria de ilustrar nesse trabalho. Nesse sentido, a lógica de rede é um artifício para entender como se estrutura internamente o movimento, pressupondo que o vocábulo remete a um espaço aberto à participação igualitária de todos os seus membros. Em geral, seus militantes acreditam que a atitude de dotar alguns dos participantes do grupo de poder, acaba por produzir desigualdades dentro da própria organização. Por isso, defendem que o movimento seja gerido pelos próprios ativistas,

delegando poder de decisão iguala todos seus membros. Essa ideia fica mais clara através da definição de horizontalidade na “Carta de Princípios” do movimento:

Pode-se dizer que um movimento horizontal é um movimento onde todos e todas são líderes, ou onde esses líderes não existe. Desta forma, todos e todas tem os mesmos direitos e deveres, não há cargos instituídos, todos e todos devem ter acesso a todas as informações. As responsabilidades por tarefas específicas devem ser rotatórias, para que os membros do grupo possam aprender diversas funções.

Nacionalmente, o Movimento Passe Livre se organizou a partir de unidades locais, articuladas através de um pacto federativo. De acordo com este princípio, as unidades detêm certa autonomia, podendo agir de acordo com as especificidades locais, mas mantendo uma rede de contatos inter-coletivos. Em outras palavras, todas as unidades federativas ampla liberdade de atuação, mas devem seguir as diretrizes federais do movimento bem como conservar um pacto de apoio mútuo (ou seja, e são obrigados a ajudar-se nas ações). As bases dos movimentos estão assentadas na solidariedade, cooperação e apoio mútuo. Ainda de acordo com a “Carta de Princípios” do MPL, as unidades devem respeitar o princípio da Frente Única, sendo que esta ficaria acima de questões ideológicas. Partindo da concepção de Frente Única como a unificação das associações autônomas na frente de combate contra um inimigo comum, assumindo reivindicação e objetivos comuns.

Para entender melhor esse princípio do MPL, o conceito de federação elaborado por Proudhon torna-se oportuno. De acordo com ele:

Federação, do latim *foedus*, genitivo *foederis*, quer dizer, pacto, contrato, tratado, convenção, aliança etc., é uma convenção pela qual uma ou mais comunas, um ou mais grupos de comunas ou Estados, obrigam-se recíproca e igualmente uns em relação aos outros para um ou mais objetos particulares, cuja carga incumbe especial exclusivamente aos delegados da federação. (Proudhon, 2001, p. 90)

Através das palavras de um integrante do movimento, podemos ter ideia de como esse princípio federalista funciona dentro da sua articulação interna. O depoimento é de Lucas de Oliveira, em entrevista concedida a revista “Fevereiro”:

Nacionalmente, somos uma entidade federada. O Movimento Passe Livre é uma federação, então tem autonomia dos comitês locais e tem um grupo de trabalho nacional, que agora está voltando a se articular e que funciona assim: os diversos movimentos locais tiram deliberações para serem discutidas como pauta específica para esse grupo de trabalho nacional, e dentro desse espaço, os movimentos locais apresentam as decisões do seu coletivo e chegam a uma deliberação nacional que volta depois para ser referendada pelos coletivos locais. E esse grupo de trabalho nacional é rotativo. (Ver mais: <http://tarifazero.org/2013/10/16/esta-empauta-agora-que-modelo-de-cidade-queremos-entrevista-com-lucas-oliveira-do-mpl-sp/>)

Como um exemplo de iniciativa local, o MPL paulista recorreu a um projeto de iniciativa popular pela instauração da “Tarifa Zero” no transporte coletivo da capital. De acordo com a Constituição Federal, a sociedade pode apresentar um projeto de lei à Câmara dos Deputados ou

dos Vereadores desde que a proposta seja assinada por um número mínimo de cidadãos. Eis a exigência constitucional: “A iniciativa popular pode ser exercida pela apresentação à Câmara dos Deputados de projeto de lei subscrito por, no mínimo, um por cento do eleitorado nacional, distribuído pelo menos por cinco Estados, com não menos de três décimos por cento dos eleitores de cada um deles” (art. 61, § 2º, CF). Como a apresentação de um projeto de iniciativa popular à Câmara de Vereadores necessita do apoio de 5% do eleitorado da cidade, o movimento está em busca de 500 mil assinaturas. Para conseguir levar esse projeto à votação, os ativistas estimulam o recolhimento de assinaturas em programações do movimento e nos seus espaços virtuais. O modelo de ficha de assinatura fica disponível no endereço eletrônico do grupo.

O Movimento Passe Livre adota a ação direta como estratégia de luta. Concisamente, a ação direta é um método que visa soluções imediatas ao problema do grupo oprimido, o lema é “faça você mesmo a sua revolução”. A expressão foi utilizada pela primeira vez em 1890 para atribuir significado as táticas defendidas pelos anarquistas, que, em essência, se contrapunham a “ação política” (a ação parlamentar e institucional). A “ação direta” implica que os indivíduos tomem para si o poder de mudar o mundo. Assim, a revolução social deve ser realizada pelos interessados na dissolução da ordem vigente, e não por intermediários. Para construir o futuro desejado, os trabalhadores deveriam usar os métodos de protestos que considerassem adequados à situação, sem a mediação de uma autoridade. A adoção desse tipo de ação

confere dois aspectos fundamentais a suas atividades: a primeira é que essa ação independente dos indivíduos atribui um caráter de espontaneidade; além disso, o método da ação direta torna indissociáveis os meios e os fins, já que o meio para chegar à autonomia é a própria autonomia de atuação. Na página de apresentação do MPL-SP, seus militantes reforçam essa postura:

Nós acreditamos que não devemos esperar por iniciativas e ações de políticos e empresários, e que somente a organização e a iniciativa popular podem conquistar mudanças realmente significativas na sociedade. É o povo, somente ele, que tem o poder e a vontade necessária para mudar as coisas e construir um transporte, uma cidade e mesmo um mundo diferente.

Uma das estratégias de “ação direta” frequentemente utilizadas pelo movimento é a desobediência civil, como o ato de pular as catracas de ônibus. Os militantes do MPL apelidaram de “catracaço”, o ato de passar pela catraca sem pagar tarifa. Sem causar danos ao patrimônio e aos usuários do transporte coletivo, essa atitude visa atingir somente os seus empresários.

Por fim, chegamos a um dos grandes diferenciais do Movimento Passe Livre: a construção política e estética de suas ações. De modo geral, podemos pontuar que o movimento apresenta manifestações horizontais, em que não são vistas bandeiras, palanques ou carros de som e alto-falantes. Não há distinção entre os que estão liderando e os que estão participando, o que torna a organização do ato muito mais democrática. Além disso, suas ações são acompanhadas por trabalhos de

conscientização da população. Durante todo o trajeto, alguns militantes distribuem materiais (faixas e panfletos) com informações sobre o sistema de transporte atual para que a população tome conhecimento da ação.

Não é só isso que encanta nas suas manifestações de rua, mas a dimensão estética dos eventos também chama atenção. Isso porque a maneira de fazer política do Movimento Passe Livre é marcada pelo desenvolvimento de intervenções artísticas. A criação de um espaço cultural é proporcionada pelo desenvolvimento de jograis e manifestações lúdicas.

A queima da catraca ocupa um lugar de destaque nas manifestações do movimento. Em um artigo publicado no site Tarifa Zero. Org., encontramos um relato de um ativista (que assina como Legume Lucas) sobre sua participação na semana de luta pelo Passe Livre em 2013, quando ficado encarregado de transportar e proteger a catraca durante a ocasião. Legume Lucas narra com detalhes o desenrolar da manifestação e comenta sobre a importância que a simbologia tem para o movimento:

Em São Paulo temos, há alguns anos, uma catraca de ônibus comprada em um ferro velho. Como cuidador da catraca, eu, com ajuda de outros militantes, tive que: enrolá-la com jornal e gase, comprar o querosene, carregá-la durante o ato, jogar e por fogo nela. [...] pude – ao ficar cuidando da catraca que precisava esfriar depois de ser queimada – estabelecer uma conversa direta com um morador de rua que acompanhou nossa chegada ao terminal. Ele defendia para mim que queimássemos novamente a catraca,

desta vez dentro do terminal. (Ver mais:<http://tarifazero.org/2012/11/09/a-catraca-uma-questao-estetica/>)

Ademais, ocasionalmente, o grupo teatral “Servos da Catraca” propõe dinâmicas e interações ao longo trajeto. Por sua vez, a música costuma ficar por conta do ritmo dos sopros da “Fanfarra do M. A. L”, Movimento Autônomo Libertário. Banda que apresenta militantes do movimento, mas é independente. A fanfarra é voltada para atuação em ações diretas e lutas autônomas. Compartilha alguns princípios com o MPL, como horizontalidade, autonomia e apartidarismo. Dizeres na página virtual da fanfarra ilustram bem a sua atuação: “Usamos a música e o grito como uma forma de fazer ação política, e como forma de confrontar e criticar os sistemas de dominação e apoiar diretamente todas as pessoas e coletivos que lutam contra a exploração, discriminação e opressão.” Sumariamente, os “Servos da Catraca” e a “Fanfarra do M.A. L” agregam a luta do MPL uma dimensão estética e criativa, fazendo com que suas mobilizações pareçam uma espécie de teatro de rua.

A hipótese do ensaio é que essas características ímpares do Movimento Passe Livre o tornam produto e produtor de padrões horizontais de comportamento. A minha ideia é de que há uma influência subjetiva do formato como as informações estão dispostas na sociedade contemporânea sobre e no ativismo político local. De modo geral, o argumento é que o Movimento Passe Livre reflete as transformações estruturais ocorridas no seu tempo ao assumir uma forma de rede, morfologia mais fluida, espontânea e horizontal.

É importante ressaltar que não cremos em um determinismo tecnológico, em que as tecnologias seriam as totais responsáveis pela forma de “fazer política” do Movimento Passe Livre. A escolha desses objetivos justifica-se apenas pelo compartilhamento entre as redes digitais e o formato do MPL de uma mesma atmosfera histórica. Nesse sentido, a ideia de cronótopo para Bakhtin parece importante. Para ele, o cronótopo seria a interligação de relações temporais e espaciais que tornam o todo compreensivo, como se fosse o palco em que se desenvolvem as principais cenas de um momento histórico. De acordo com ele:

Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecerem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de series e a fusão de sinais caracterizam o cronótopo artístico. (BAKHTIN, 1993, p.211)

Na lógica de Bakhtin, a “sociedade em rede” seria o nosso cronótopo. De modo geral, proponho que as ações coletivas são condicionadas por demandas macroestruturais de cada momento histórico. A fim de produzir mais inteligibilidade a realidade examinada, concebo o século XXI como o tempo que a experiência humana passou a ser amplamente mediada pelas atividades providas por recursos computacionais. A minha intenção é tecer considerações sobre a revolução tecnológica gestada pelo o advento dos computadores remotos e a invenção da internet e, por conseguinte, a ampliação da capacidade de

produção, organização, acesso, armazenamento e transmissão de informações. Todavia, para alinhavar nossas reflexões, precisaremos retomar brevemente a história dos novos meios de comunicação e informação.

O primórdio do novo paradigma tecnológico data da década de 60 do século passado. Em meio a Guerra Fria, os Estados Unidos projetaram a base da tecnologia de informação. O esquema desenvolvido pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançados do Departamento de Defesa dos EUA (DARPA) consistia em uma rede virtual capaz de impedir a invasão ou destruição do sistema de computadores norte-americano pelos soviéticos, através da instituição de barreiras eletrônicas. Os computadores tornaram-se autônomos, mas, com a capacidade de conexão entre si, permitindo o compartilhamento de informações e conteúdos específicos.

Após o término da Guerra Fria, esta tecnologia de processamento de informação foi apropriada pelos próprios membros da Agência de Projetos de Pesquisa Avançados para a comunicação pessoal, compartilhando mensagens com conteúdo diferente do teor militar. Com o passar das décadas, principalmente ao longo dos anos 90, a rede de interação foi comercializada e popularizada entre os indivíduos e grupos do mundo inteiro, e com todos os tipos de finalidades.

Com a formação de uma rede mundial de computadores, tornou-se possível a existência de dados na forma de movimento contínuo, passíveis de serem recebidos transmitidos por todos os indivíduos que estiverem dentro do alcance dos seus sinais e tiverem equipamentos

compatíveis. As conexões proporcionadas por estes novos aparatos tecnológicos constituíram um espaço informacional acessível e dinâmico, chamado por Pierre Lévy de “ciberespaço”. Para o intelectual, define-se como ciberespaço “o espaço de comunicação aberta pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p.94) caracterizado pelo “conjunto de técnicas materiais e intelectuais, práticas, atitudes, modos de pensamento e de valores” (LÉVY, 1999, p.17) que acontecem dentro dele.

Para compreender o mundo formando a partir desta Revolução Tecnológica, proponho pensar através dos apontamentos de Marshall McLuhan. Essa opção metodológica deve-se ao fato do autor ter construído um estudo muito significativo sobre os efeitos que a adoção de novos “instrumentos” e tecnologias podem provocar nas formas de experiência e expressão mental

O objeto de estudo principal de M. Mc. Luhan foi a revolução provocada pelos alfabetos fonéticos e da impressão tipográfica no desenvolvimento social, considerada sem precedentes na evolução do homem. Dentro dessa lógica, essa “era tipográfica” foi sucedida pela “mecânica”, e mais a frente pela “era eletrônica”. Com a hipótese de que “qualquer nova tecnologia de transporte ou comunicação tende a criar seu respectivo meio ambiente humano” (Mc Luhan, 1972, p. 15), Mc Luhan postulou uma série de observações sobre a organização gradativa do mundo tecnológico e a forma como provocou mudanças psíquicas, tanto nos indivíduos como na sociedade em geral.

Uma das maiores contribuições de Marshall Mc Luhan, que podem ser transpostas para a compreensão dos meios de comunicação no nosso tempo, é o destaque dado para a perturbação nos hábitos humanos provocada pelo surgimento de novos ambientes tecnológicos. Segundo o autor, essas mudanças requerem uma reorganização da vida imaginativa, já que os instrumentos e tecnologias são as extensões dos nossos sentidos.

De acordo com Mc Luhan:

O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões de mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o ancorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam voz através do tempo e de espaço constituem exemplos de extensões materiais. [...] De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com que o corpo ou com alguma parte especializada do corpo. (MC LUHAN, 1972, p.21-22)

Assim sendo, a introdução de novas tecnologias exige um alto grau de esforço dos órgãos dos sentidos e faculdades para se adaptar a perturbação que elas causam. Tendo em vista os instrumentos da era eletrônica, acreditamos que eles incidem sob os nossos sentidos de uma forma particular. De acordo com Thompson os novos meios de comunicação acrescentaram novas propriedades ao cotidiano atual:

O campo de visão já não está mais restrita pelas propriedades espaciais e temporais do aqui e agora e sim moldado, em vez disso, pelas propriedades características dos meios de comunicação [...] Nossso campo de visão também é moldado pelo fato de, na maioria dos meios de comunicação, o visual não ser uma dimensão isolada e sim estar normalmente acompanhado pela palavra falada e escrita- é o audiovisual ou o textual-visual. (THOMPSON, 2012, p.12)

Acredito que a introdução de fluxos subsidiados pelo universo digital tenha produzido uma reorganização do modo como os indivíduos se relacionam uns com os outros e com eles próprios, tornando-se chaves explicativas para a contemporaneidade e seus fenômenos. De forma geral, auferimos que mudanças na forma como compartilhamos informação e nos comunicamos mudaram o curso da história. Para compreender as tendências deste momento, o conceito de “sociedade em rede” de Castells oferece uma boa chave interpretativa. Para ele, a revolução tecnológica que a nossa geração assiste pode ser entendida através da estrutura topológica de redes, que confere maleabilidade aos elementos envolvidos no sistema comunicacional e acaba com a ideia de centralidade do processo de emissão e recepção nessa cultura. Rede como um conjunto de nós interligados por linhas. Esses pontos podem ser indivíduos, máquinas, memória dos computadores, nações, universidades e corporações empresariais. A rede é o padrão organizacional responsável por interconectar todos esses elementos.

A premissa inicial de M. Castells é que a disposição da *internet* difere de outros meios de comunicação de massa que preconizam uma

emissão mais autoritária de informação, como a televisão por exemplo. Digo emissão autoritária por se tratar de um veículo de comunicação de mão única, que concentra e disponibiliza as informações que julga “verdadeiras” ou úteis. O poder de participação do usuário é quase nulo, ele “praticamente” só recebe o conteúdo que foi previamente escolhido pela emissora de televisão. A proliferação de plataformas de comunicação com base na *internet* e os sites *on-line* (e-mails o Twitter, o Facebook) estabelecem um fluxo de comunicação em dois sentidos, diferindo dos meios baseados em um fluxo monológico. No meu entender, o surgimento de novas tecnologias de comunicação e as formas múltiplas de ação e interação que foram criadas ou expandidas, permitem um grau maior de participação dos receptores. De acordo com Marshall McLuhan a potencialidade da *internet* reside na sua capacidade de acessibilidade, armazenamento e reprodução de dados:

A visibilidade de indivíduos, ações e eventos já não necessita o compartilhamento de um lugar comum. Já não precisamos estar presentes no mesmo ambiente espaço-temporal para ver o outro indivíduo ou presenciar a ação ou evento. O campo de visão foi estendido no espaço e possivelmente também no tempo: podemos presenciar eventos que estão ocorrendo em lugares distantes ‘ao vivo’, ou seja, enquanto estão acontecendo em tempo real; podemos também presenciar eventos distantes que ocorrem no passado e que podem ser reapresentados no presente. (THOMPSON, 2012, p.12)

O estudo sobre a “horizontalidade” (ou não hierarquia) na “sociedade em rede” justifica-se porque essa noção é capaz de sintetizar

o modo como se interconectam, atualmente, as pessoas, máquinas e dados no ciberespaço. A regra básica da internet é que todos os seus usuários são consumidores e produtores de informação e conhecimento. De modo geral, podemos afirmar que as malhas possuem diversos centros (policêntricos) que distribuem informação na rede. A ideia é de que a ausência de um único centro na tipologia das redes e a igualdade dos indivíduos no que tange a participação no espaço virtual desorganiza/reorganiza a tradicional organização vertical/ hierárquica das coisas.

De modo especial, nos interessam as opções de acesso, de distribuição e criação proporcionadas pela internet, responsáveis por construir canais “abertos” de participação. Concisamente, acredito que as alternativas de escolha de acesso a um conteúdo ilimitado de palavras, sons, vídeos e imagens, bem como, a possibilidade (re) construir páginas e mídias, favoreceram a padronização horizontal das informações.

A partir das redes digitais, a informação não ficou mais concentrada em um único nó, mas sim dispersa no fluxo global (na malha). O conhecimento é produzido por todos e para todos. Não há nivelamento de informação, qualquer indivíduo com acesso ao ciberespaço pode produzir e disponibilizar dados (mensagens, vídeos, fotos, publicações, entre outros), permitindo serviços cada vez mais personalizados. Além disso, todos os seus usuários têm um potencial muito grande de alterar, revisar e compartilhar a mensagem ou conteúdo de uma publicação. Em outras palavras, a ideia de “horizontalidade” da rede está relacionada ao seu potencial participativo, a possibilidade de

todos os indivíduos que a habitam colaborarem igualmente na construção do mundo digital.

Ademais, grande parte do conteúdo da rede está disposta em uma forma que não permite restrições de conteúdo. Como não há apenas um centro no universo digital, mas vários centros móveis, o controle da informação e comunicação pelas instituições tradicionais de poder é muito difícil.

Nesse sentido, a horizontalidade das redes digitais é resultado do acionamento de várias práticas: dinamismo, produção, colaboração e compartilhamento. Sumariamente, acreditamos que a forma não hierárquica de organizar os elementos que a compõe é um pilar fundamental da “sociedade em rede”. Esta estruturação determina não só a disposição dos elementos em rede, mas também de toda a sociedade mediada por ela.

O estudo sobre esta tendência “horizontal” das redes virtuais é importante para o nosso trabalho porque tem uma incidência preponderante no modo como se articulam os militantes do Movimento Passe Livre. Isso porque, eles rejeitam os modelos já estabelecidos de luta (burocratizadas e verticais) e formam uma espécie de rede de solidariedade e luta, onde todos têm o mesmo poder. Nesse sentido, os ativistas políticos do MPL não consideram que “líderes”, “cúpulas”, “elites” ou “vanguardas” sejam capazes de guiar os oprimidos a luta, mas acreditam na potencialidade do protagonismo destes indivíduos organizados. De acordo com Manuel Castells esse novo formato de ação política dificulta as reflexões sobre sua natureza, em razão da estranheza

do pesquisador que não está acostumado com suas dimensões. Segundo ele:

Pelo fato de nossa visão histórica de mudança social esteve sempre condicionada a batalhões bem ordenados, estandartes coloridos e proclamações calculadas, ficamos perdidos ao nos confrontarmos com a penetração bastante sutil de mudanças simbólicas de dimensões cada vez maiores, processadas por redes multiformes, distantes das cúpulas de poder. São nesses recônditos da sociedade, seja em redes eletrônicas alternativas, seja em redes populares de resistência comunitária, que tenho notado a presença dos embriões de uma nova sociedade, germinados no campo da história pelo poder da identidade. (CASTELLS, 1999, p.427)

Ao escolher como objeto de estudo as questões pertinentes às redes de interatividade propiciadas pela *internet*, enfrento o desafio de historicizar o nosso próprio tempo. A tarefa de analisar um objeto muito vivo, em seu estado natural, oferece algumas dificuldades ao pesquisador: a dificuldade em identificar as fronteiras entre o fenômeno e o seu contexto, o compartilhamento de experiências de vida com os militantes do MPL e, por isso, o problema em identificar categorias de observação e criar hipóteses. As metodologias e conceitos usados neste trabalho foram feitos no sentido de superar essas limitações. De modo geral, acreditamos na legitimidade desse tipo de produção historiográfica e na possibilidade de produzir um discurso de verdade sobre o momento histórico estudado.

Toda proposta de análise indicada nesse ensaio teve como objetivo situar o movimento no momento histórico marcado pelo

processo de composição da “sociedade em rede”. A ideia que perpassa o texto é que existem características gerais que acompanham as sociedades marcadas pela incorporação da rede. Delimitamos, assim, a consolidação de uma cultura organizacional específica neste tempo que absorveu essa lógica, projetando novas experiências à sociedade deste século. A tese é de que o sistema de valores e símbolos contemporâneo foi condicionado pelos novos mecanismos de interação do novo sistema tecnológico, ao dispor ao usuário um espaço democrático, de amplo acesso e horizontal.

Em suma, considero que os movimentos sociais são os grandes termômetros de qualquer realidade histórica. Através deles é possível apreender como os sujeitos se recriam através das contradições que enfrentam, de que maneira diagnosticam a realidade e como definem o projeto que consideram mais adequado a sociedade em que estão inseridos. Por isso, são excelentes ferramentas para entrever a cultura que perpassa a experiência dos homens desse tempo, constroem identidades individuais/coletivas e estruturam laços de solidariedade.

Fontes citadas

LEGUME, Lucas. **A catraca: uma questão estética.** Publicado no dia 09 de novembro de 2012, no site Tarifa.Zero.Org: <<http://tarifazero.org/2012/11/09/a-catraca-uma-questao-estetica/>>

POMAR, Marcelo. **Ele ajudou a fundar o Movimento Passe Livre, entrevista com Marcelo Pomar.** Publicado no dia 25 de julho de 2013, no site Tarifa.Zero.Org: <<http://tarifazero.org/2013/07/25/ele-ajudou-a-fundar-o-movimento-passe-livre-entrevista-com-marcelo-pomar/>>

_____ . **Relato sobre a Plenária Nacional pelo Passe-Livre – MPL.** Publicado no dia 04 de fevereiro de 2005 às 02:32, no site CMI Brasil:
<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/02/306365.shtml>

MANOLO. Sair do roteiro: obrigação de quem quer vencer. Publicado no dia 17 de agosto de 2011, no site Tarifa.Zero.Org: <<http://tarifazero.org/2011/08/17/sair-do-roteiro-obrigacao-de-quem-quer-vencer/>>

_____. **Teses sobre a Revolta do Buzú. 25 de setembro de 2011 .** Publicado no dia 17 de agosto de 2011, no site Passa Palavra: <<http://passapalavra.info/2011/09/46384>>

OLIVEIRA, Lucas. “Está em pauta, agora, que modelo de cidade queremos” . Publicado no dia 16 de outubro de 2013, no site Tarifa.Zero.Org: <<http://tarifazero.org/2013/10/16/esta-em-pauta-agora-que-modelo-de-cidade-queremos-entrevista-com-lucas-oliveira-do-mpl-sp/>>

[Floripa] Catracaço, s.m Publicado no dia 11 de julho de 2013, no site Tarifa.Zero.Org: <<http://tarifazero.org/2013/07/11/floripa-ca%C2%ADtra%C2%ADca%C2%ADco-s-m/>>

Referências

AGUIAR, Sonia. Redes Sociais e tecnologias digitais de informação e comunicação. Relatório final de pesquisa na condição de pesquisadora associada do Núcleo de Pesquisas, Estudos e Formação da Rede de Informações para o Terceiro Setor, no período de março a agosto de 2006.

BAKHTIN. M. M.. (1975). Questões de Literatura e de Estética. São Paulo: UNESP, 1993.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. Apologia da história, ou, O ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1) São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GAMA, Yuri Kieling. **Por uma vida sem catracas**: uma análise dos vínculos e relações entre a juventude contestadora contemporânea e a cidade. Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de bacharel, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2006.

LARROSA, Jorge. **A operação ensaio: sobre o ensaiar e ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida**. Educação & Realidade [dossiê Michel Foucault], Porto Alegre, v. 29, n.1, p. 27-43, 2004.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIBERATO, Leo Vinicius Maia. **Expressões contemporâneas de rebeldia: poder e fazer da juventude autonomista**. Tese de Doutorado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

REVEL, Jacques. **Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado**. Revista Brasileira de Educação, v. 15, n.45, set/dez 2010.

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. São Paulo: Alameda, 2010.

MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1972.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. **A máquina da Memória: o tempo presente entre a história e o jornalismo**. Bauru, SP: EDUSC, 2009.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **Do Princípio Federativo**. São Paulo: Imaginário; Nu-Sol, 2001.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 13. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

XAVIER, Antonio Carlos. **A era do hipertexto**: linguagem e tecnologia. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

Sites visitados

Clube de Criação São Paulo: <http://www.ccsp.com.br/site/o-clube-de-criacao> Visitado no dia 02 de fevereiro de 2014, às 15horas.

CMI Centro de Mídia Independente: <http://www.midia independente.org/>

Ediciones Simbióticas- Neoanarquismo- Manuel Castells: <http://www.edicionessimbioticas.info/Neoanarquismo>. Visitado no dia 08 de novembro de 2013, às 9 horas.

FANFARRA DO M.A. L: <https://fanfarradomal.milharal.org/quem-somos/>

Visitado no dia 20 de abril de 2014, às 15horas.

LER-QI Liga Estratégica Revolucionária: www.ler-q.org/Os-marxistas-revolucionarios-e-a-frente-única-operaria. Visitado no dia 1 de outubro de 2013, às 16h40min.

MPL Florianópolis: <http://mplfloripa.wordpress.com/2014/01/30/feliz-aniversario-mpl/>. Visitado no dia 02 de janeiro de 2014, às 9 horas.

MPL São Paulo: [saopaulo.mpl.org.br/apresentação/carta-de-principios/](http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/carta-de-principios/). Visitado no dia 1 de outubro de 2013, às 17 h30m.

Tarifa Zero: <http://tarifazero.org/>. Visitado no dia 1 de outubro de 2013, às 17 horas.